

OPINIÃO



Márcio Cypriano*

Inflação pequena é amadurecimento

A estabilidade monetária é atualmente condição para o desenvolvimento

As últimas declarações do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sublinham o tema do rigor fiscal quando aborda a intenção de "destravar" a economia brasileira e iniciar um processo de crescimento econômico consistente a partir de 2007. O recado é claro: o presidente não admitirá aventuras no campo fiscal, pilar fundamental no combate à inflação.

Ao contrário de outros ciclos de desenvolvimento acelerado, cujo produto (ou mesmo a premissa) foi o descontrole das contas públicas e, consequentemente, dos preços, desta vez, garante o presidente, qualquer projeto terá a estabilidade monetária como condição e limite.

É um sinal tranquilizador, e por várias razões. Quando bem aproveitadas, experiências boas e ruins somam-se para elevar o grau de conhecimento de um indivíduo ou de uma nação. O Brasil teve uma sucessão de más condutas no que diz respeito ao controle fiscal e monetário. Se utilizarmos a referência do episódio da crise da dívida, no início da década de 1980, como ponto de partida de um período de descontrole inflacionário grave (na verdade, a convivência do Brasil com inflação alta é bem anterior a isso), então tivemos um período bastante extenso, de 14 anos, para entender que todos perdem com a inflação.

Portanto, quando o presidente reeleito garante que qualquer projeto de retomada do crescimento econômico está condicionado à manutenção da estabilidade monetária, isto revela um grau de amadurecimento que deve ser saudado. E cobrado.

Para os que têm mais familiaridade com o tema econômico, e o analisam do ponto de



vista prático e não ideológico, o que o presidente disse parece óbvio. Aliás, seria surpreendente que ele dissesse outra coisa. No entanto, sabemos que não é assim. Há nos partidos políticos, entre os economistas e entre os que formulam políticas públicas, aqueles que acham que o combate à inflação e a redução da dívida por meio da obtenção de superávits primários têm sido conduzidos com um rigor extremado. A defesa da estabilidade monetária teria sido, na verdade, uma trava para o crescimento econômico. Ou a principal trava.

Embora isto vá contra o bom senso, adquirido após 14 anos de sacrifício, é uma posição compreensível. Em qualquer outro país, empenhar os cofres nacionais em projetos de desenvolvimento econômico, ou em programas sociais a fundo perdido, é sempre uma tentação. No Brasil, em particular, essa tentação é enorme, diante de uma sociedade que se aglutinou em torno de um tema único, que

é o da volta do crescimento econômico a taxas altas. Em nome dessa demanda social,

que é muito justa, seria tolerável "um pouco" de inflação, uma gestão fiscal mais frouxa.

Se é compreensível, essa posição não é aceitável. Um pouco de inflação, como sabemos, tende a abrir a porta para uma grande inflação; e a imprudência fiscal de hoje, além de gerar resultados econômicos que não se sustentam ao longo do tempo, cobrará o seu preço da geração futura. A estabilidade monetária conquistada pelo Brasil não é trava para o crescimento econômico. É uma condição sem a qual não haverá crescimento econômico sustentável. Pode-se discutir o ritmo da queda de juros, ou o patamar em que se encontram os empréstimos compulsórios. Isto se faz a todo momento, e na maioria dos países. A discussão que devemos superar é outra. Diz respeito à própria estabilidade da moeda. Colocá-la em xeque é dar muitos passos atrás.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem feito menções freqüentes ao projeto de desenvolvimento empreendedor por Juscelino Kubitschek. Os anos

JK são, de fato, um bom marco da capacidade econômica brasileira. Mas já se foram 50 anos e o Brasil é muito diferente. As exigências sociais são outras, as forças políticas também e a própria economia se orienta por outros parâmetros. O Brasil tem, hoje, um setor privado forte e competitivo. Tem um sistema financeiro cuja solidez é reconhecida internacionalmente. Tem uma economia aberta, que possibilita um grau alto de interação com empresas e capitais estrangeiros. Tem um mercado consumidor amplo. E tem estabilidade monetária.

O País pode crescer no mesmo passo em que cresceu na época de Kubitschek. Basta que os verdadeiros nós que impedem o crescimento sejam desfeitos. Nem é preciso citá-los, tamanha a freqüência com que têm sido discutidos. O importante é que, desta vez, o governo crie as condições estruturais para que as empresas liderem um novo ciclo de desenvolvimento.

* Presidente do Bradesco e da Federação Brasileira de Bancos (Febraban). Próximo artigo do autor em 2 de fevereiro